

Afeto e (Des)Humanização: a literatura negra lésbica como instrumento de luta*Afecto y (Des)Humanización: la literatura negra como herramienta de lucha**Affection and De(Humanization): the black lesbian literature as fighting tool***Agatha Leticia Eugênio da Luz****Juliana Damasceno de Miranda****Aiana Hana Sarges Silva**

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo discutir como as relações de poder são refletidas na literatura e contribuem para o apagamento e desumanização de sujeitos. Em especial, da mulher negra lésbica que usa a literatura como uma forma de humanização de seus afetos, negados por uma estrutura racista hetero-patriarcal. Além disso, trabalham-se as intersecções e atravessamentos que o corpo carrega e como elas produzem a partir da sua própria vivência. Como base teórica para o trabalho, trazemos a epistemologia feminista negra, a partir de autoras negras brasileiras e norte-americanas. Dessa forma, utilizamos como ferramenta metodológica a interseccionalidade, para explicar como os demarcadores sociais (gênero, raça e sexualidade) atuam em conjunto para desumanizar sujeitos. Por fim, afirmamos que a literatura se torna um instrumento de luta para mulheres que têm suas vivências postas à margem. Assim, utilizaremos as obras de Cidinha da Silva e Audre Lorde para exemplificar as formas de afeto expressas na literatura negra lésbica.

Palavras-chave: Lésbicas Negras. Afetividade. Literatura.

Resumen: El presente trabajo tiene como objetivo discutir cómo las relaciones de poder se reflejan en la literatura y contribuyen al borrado y deshumanización de sujetos. En especial, de la mujer negra lesbiana que ve en la literatura una forma de humanización de sus afectos negados por una estructura racista hetero-patriarcal. Además, se trabaja las intersecciones y atravesamientos que el cuerpo de las autoras carga y cómo ellas producen a partir de su propia vivencia. Como marco teórico, traemos la epistemología feminista negra, de autoras negras brasileñas y norteamericanas. Por lo tanto, utilizamos como herramienta metodológica la interseccionalidad para explicar cómo los demarcadores sociales (género, raza y sexualidad) actúan juntos para deshumanizar a los sujetos. Finalmente, afirmamos que la literatura se convierte en una herramienta de lucha para las mujeres que tienen sus experiencias al margen. Así, usaremos las obras de Cidinha da Silva y Audre Lorde para ejemplificar las formas de afecto expresadas en la literatura lesbiana negra.

Palabras clave: Lesbianas Negras. Afectividad. Literatura.

Abstract: The present work aims to discuss how power relations are reflected in the literature and contribute to the erasure and dehumanization of subjects. In particular, the lesbian black woman who sees in literature a form of humanization of their affections denied by a racist hetero-patriarchal structure. In addition, we work on the intersections and crossings that the body of the authors carry and how they produce from their own experience. As a theoretical framework, we bring the black feminist epistemology, from Brazilian and North American black authors. Thus, we use intersectionality as a methodological tool to explain how social demarcators (gender, race and sexuality) act together to dehumanize subjects. Finally, we affirm that literature becomes a tool for social change for women who have their experiences put on the sidelines. Thus, we will use the works of Cidinha da Silva and Audre Lorde to exemplify the forms of affection expressed in black lesbian literature.

Keywords: Black Lesbian. Affection. Literature.

Agatha Leticia Eugênio da Luz – Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação PPGED-UEPA. Graduada em Licenciatura Plena em Pedagogia- UEPA. Graduanda em Psicologia/ UNAMA. Membro do Grupo de Pesquisa Saberes e Práticas Educativas de Populações Quilombolas - EDUQ/UEPA e Coletivo Sapato Preto. E-mail: agatha_letici@hotmail.com

Juliana Damasceno de Miranda – Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Pará. Militante do Coletivo Sapato Preto. Bolsista Voluntária do GEPEM/UFPa. E-mail: julianadmiranda1@gmail.com

Aiana Hana Sarges Silva – Graduanda em Letras/Português - UNAMA. Associada ao GT Feminismo Negro: A Voz que Querem Calar. E-mail: aianahana30@gmail.com

INTRODUÇÃO

1. Por que falar de mulheres negras lésbicas?

Em 14 de março de 2018, em meio a tantos conflitos políticos, a vereadora e socióloga Marielle Franco foi assassinada. Marielle era uma mulher negra, mãe e lésbica que produzia sobre sua comunidade na Maré e instituiu o dia da visibilidade lésbica no calendário do Rio de Janeiro. Em 2016, Luana Barbosa, que, assim como Marielle, também era mãe, negra e lésbica, foi espancada ao tentar resistir a uma abordagem policial.

No Brasil, diariamente morrem Luanas e Marielles, não só atravessadas por balas, mas por diversos apagamentos e mortes sociais, incluindo o epistemicídio. A voz de Luana e de Marielle ecoa nos escritos de todas as mulheres negras lésbicas que sobrevivem diariamente a esse sistema. Falar sobre mulheres negras lésbicas, principalmente sobre afetos, é humanizar sujeitos que são apagados por uma estrutura racista e heteronormativa.

A literatura é um mecanismo que reflete as relações humanas, ora contribuindo para esses apagamentos, ora atuando como cura para esses corpos, quando os mesmos começam a falar sobre suas realidades e vivências.

2. Entre lesbianidade e negritude

Dentro da comunidade lésbica eu sou negra, e dentro da comunidade negra eu sou lésbica. Qualquer ataque contra pessoas negras é uma questão lésbica e gay, porque eu e milhares de outras mulheres negras somos parte da comunidade lésbica. Qualquer ataque contra lésbicas e gays é uma questão de negros, porque milhares de lésbicas e gays são negros. Não existe hierarquia de opressão (LORDE, 2012, p. 1).

A epistemologia feminista negra, sintetizada por Patricia H. Collins, na obra “Black Feminist Thought” (1990), abrange diversos conceitos. Entre os principais, trabalhados ao longo da construção do movimento feminista negro, encontra-se o conceito da interseccionalidade. Embora este tenha sido nomeado por Kimberlé Crenshaw na década de 80, em seu artigo “Demarginalizing the Intersection of Race and Sex” (1989), muitas autoras (hooks: 1981; COLLINS: 1990; DAVIS: 2016) consideram que a prática da interseccionalidade já existia antes mesmo do próprio movimento de mulheres negras se auto-nomear enquanto feminismo negro.

Um dos principais exemplos – muito citado entre as intelectuais negras – é o discurso de Sojourner Truth “Eu não sou uma mulher?” (1851), apontado nos escritos de Ribeiro (2016); foi proferido na assembleia de direitos das mulheres por uma negra que vivenciou a escravidão no sul dos Estados Unidos e questiona, em seu discurso, os padrões da feminilidade branca, o qual não se vê representada, e aponta para a condição desumana que mulheres negras viviam, tanto por serem mulheres quanto por serem negras.

Angela Davis (2016) trabalha a partir desse discurso e de outros, de mulheres negras escravizadas, para afirmar que a ideia de feminilidade, ou melhor, da universalização do ser mulher não se aplica para mulheres negras, uma vez que esse grupo social não é nem visto como humano, devido ao processo de escravidão que mercantilizava e objetificava seus corpos. Dessa forma, sistematizava a noção de que a experiência de ser mulher é afetada pela racialidade, e a experiência da raça é afetada pelo gênero.

Para Crenshaw (1989), a interseccionalidade funciona como uma poderosa ferramenta de análise, e, em sua obra, buscou sistematizar a partir da necessidade do enfrentamento à violência sexual e doméstica contra as mulheres negras. Crenshaw observava que somente as políticas de combate e/ou as legislações existentes contra a violência sexual e doméstica, sem uma abordagem racial, não eram o suficiente. Ao analisar as violências sofridas por mulheres negras ou não-brancas – como a própria autora prefere nomear, já que o termo inclui outras racialidades –, é notável o cruzamento de mais de um demarcador além do gênero. Como mostra na seguinte passagem do seu texto em que conceitua a interseccionalidade:

Meu objetivo era ilustrar que muitas das experiências que as mulheres negras enfrentam não são classificadas dentro das fronteiras tradicionais da raça ou discriminação de gênero, uma vez que essas fronteiras são atualmente compreendidas e que a intersecção do racismo e do sexismo afeta as vidas das mulheres negras de maneiras que não podem ser capturadas completamente examinando as dimensões de raça ou gênero dessas experiências separadamente. (CRENSHAW, 2004, p. 08).

Trazendo para o contexto brasileiro, para melhor exemplificar, podemos analisar os dados de Waiselfisz (2015) do Mapa da Violência acerca dos demarcadores de gênero, e chegaremos à conclusão de que a maior parte das mulheres em situação de violência (seja doméstica, sexual, de origem LGBTQfóbica ou não) são negras. Mas, se tratando de violências sofridas por mulheres negras, não podemos nos ater apenas à morte física. O apagamento, principalmente, em representações em espaços de poder ou da própria história que é contada em livros.

O povo negro é nascido sob o signo da morte, como nos bem lembra Sueli Carneiro (2005) em sua tese de doutorado. A racialidade é um dos principais dispositivos de poder – não atuando nunca isolado dos dispositivos de gênero e sexualidade –, que denomina quem vive (e como vive) ou quem morre e, especialmente, quem se deixa morrer. Qual sujeito será apagado da história? E, como falado anteriormente, a morte não é somente física, e é na morte social que se apresenta o epistemicídio.

Este termo é necessário para que entendamos o apagamento de mulheres negras lésbicas de qualquer produção de conhecimento. O epistemicídio, aqui, deve ser compreendido como um instrumento que deslegitima a capacidade de produções epistêmicas por povos oprimidos (como negros e indígenas), o qual legitima a dominação ao reforçar que essas populações não possuem civilização, cultura e racionalidade. Dessa forma, este conceito corrobora para determinar quem está apto ao acesso e permanência em instituições de educação.

Para Sueli Carneiro,

Isto porque não é possível desqualificar as formas de conhecimento dos povos dominados sem desqualificá-los também, individual e coletivamente, como sujeitos cognoscentes. E, ao fazê-lo, destitui-lhe a razão, a condição para alcançar o conhecimento “legítimo” ou legitimado. Por isso o epistemicídio fere de morte a racionalidade do subjugado ou a seqüestra, mutila a capacidade de aprender etc (CARNEIRO, 2005, p. 98).

Além disso, as ausências muitas vezes se constituem como apagamentos. Cabe a pergunta: onde estão as mulheres negras lésbicas? Estão produzindo sobre suas realidades e sendo apagadas? Não se trata da inexistência das suas obras, mas como suas epistemologias não circulam da mesma maneira que as de mulheres brancas heterossexuais.

Como um dos maiores exemplos de produção literária e epistemológica negra lésbica, temos Audre Lorde, cuja produção parte exatamente da sua condição enquanto mulher lésbica e negra. Em *Zami*, talvez sua obra mais audaciosa, busca-se reconectar com sua ancestralidade, como se fosse um espelho no qual mergulha em seu próprio reflexo.

Lorde autodenominou *Zami* como uma biomitografia que contém sua vida e mitos que remetem sua ancestralidade e seus sonhos. É importante para nos falar sobre afetos de mulheres negras, pois, em seu próprio nome, carrega essa essência, não apenas trazendo a sexualidade como emana o nome “lesbianidade”, mas, também, trazendo o amor entre mulheres negras. Pode ser entendido como a própria lesbianidade negra diaspórica.

A obra de Audre Lorde aponta diretamente para o seu próprio corpo, como se autodefinia: negra, lésbica, mãe, guerreira e poeta. Seu corpo-obra nos ensina que não existem problemas únicos a serem enfrentados, mas formas múltiplas de opressão que se atravessam e não podem ser hierarquizadas. Em muitos de seus textos e gravações, Audre Lorde fala sobre o que é ser uma mulher negra lésbica ocupando os mais diversos espaços e carregando tantos atravessamentos em seu corpo.

Ela nos remete à territorialidade quando fala a partir do seu lugar de mulher negra afro-caribenha vivendo em Chicago. No entanto, o eixo raça-território não é o único a definir sua experiência. Em uma de suas gravações também narrou o quanto era solitário ser lésbica em Chicago no meio LGBT branco, ou o quanto era difícil manter um diálogo sobre sua sexualidade dentro da própria comunidade negra em que cresceu.

Ainda que nunca tenha usado a palavra interseccionalidade, seus escritos e sua vida são exemplos significativos. A sexualidade e o afeto sempre foram presentes em suas obras, principalmente na poesia, em que debate os mais diversos temas, como a lesbianidade negra e a maternidade, buscando criar um feminismo negro realmente diverso, que abrace mulheres negras em sua total diferença.

A obra de Audre Lorde sempre foi escrita de um ponto de vista interseccional, já que buscava enfrentar as múltiplas opressões que seu corpo sofria, nunca esquecendo de denunciar o racismo do movimento feminista branco ou das organizações e produções intelectuais de mulheres lésbicas brancas, que também partiam de uma universalização da vivência do que é ser lésbica. Tal qual o gênero, a sexualidade também é afetada pela raça, e as produções de lésbicas negras apontam diretamente para a necessidade de se abraçar as diferenças e não ignorá-las.

Ainda que Audre Lorde e tantos de seus textos e poesias sejam tão importantes para a epistemologia negra lésbica, no Brasil, sua obra só foi traduzida, até o momento, em traduções livres, nunca tendo sido publicada por nenhuma editora. As autoras negras brasileiras também passam pela invisibilização na circulação de seus escritos.

De maneira geral, a literatura negra não é vista como literatura, menos ainda a produção de lésbicas negras. Esse apagamento impacta diretamente na construção das identidades positivas de mulheres negras lésbicas, que não se veem representadas em nenhum espaço, sofrendo total desumanização de seus corpos e afetos.

3. Afetos e corpos em diáspora

Pensar sobre afetos de um corpo em diáspora, marcado por tantas opressões que se entrecruzam em raça, gênero e sexualidade, é pensar na humanização de sujeitos que tiveram sua história, sobretudo seus amores, negados. Angela Davis (2011), em um artigo sobre o *Blues*, nos diz que a maior revolução após a libertação dos escravos nos Estados Unidos não ocorreu no âmbito social, nem econômico, mas sim nas suas relações interpessoais no que diz respeito aos afetos. Para a autora, finalmente, o povo negro que foi escravizado e destituído de qualquer traço de humanidade poderia formar laços familiares. Ela entende que o *Blues* era capaz de falar sobre liberdade nas suas mais diversas formas. Suas letras carregavam o erotismo numa época em que as músicas falavam sobre amores no sentido mais romântico possível, despidos de qualquer traço da sexualidade.

E um dos pontos principais do surgimento do *Blues* era a escrita de mulheres negras. A autora considera que o fato do *Blues* tratar da sexualidade e do amor de homens e mulheres negras em suas letras é um traço afro-americano, devido o legado da escravidão ter negado ou animalizado afeto e sexualidade.

Dessa forma, o negro ou negra escravizado/a não possuía nenhuma autonomia sobre seu corpo, sua sexualidade era tratada meramente como um meio de reproduzir outros escravizados, principalmente durante o período em que o tráfico de escravos foi proibido. A partir da sua libertação, os negros afro-americanos poderiam expressar sua sexualidade, escolher seus parceiros e formar famílias.

As mulheres negras que compunham no *Blues* desafiavam as normatividades do casamento e da heterossexualidade, em muitos casos, escrevendo não somente sobre suas relações com homens, mas também com mulheres. Como mostra bell hooks em “Vivendo de Amor” (2010), a escravidão tem um impacto direto no ato de amar, e nós, negras em diáspora, sofremos com essa consequência.

Mulheres negras lésbicas convivem diariamente com a solidão em diversos âmbitos: a falta de apoio nos grupos sociais em que estamos inseridas, como a família e local de trabalho; a ausência de mulheres negras lésbicas sendo representadas positivamente nas produções televisivas ou na literatura. As únicas representações de afeto entre mulheres nos meios de comunicação, geralmente, são brancas. E se mulheres negras, de uma maneira geral, não se sentem dignas de serem amadas, mulheres negras lésbicas são colocadas duplamente à margem do amor. Quando alcançam o afeto, precisam lidar com uma dupla resistência por parte do sistema racista heteropatriarcal, que não aceita nenhuma relação fora da norma.

Para Barbara Smith¹ (1998), uma das principais dificuldades de organizar a comunidade negra lésbica é o armário, pois a maioria dessas mulheres não quer ter sua identidade sexual revelada. Isso afeta diretamente os estudos sobre o acesso de mulheres lésbicas a direitos básicos, como saúde e educação.

O recorrente processo de desumanização de negras lésbicas perpassa não somente pela negação de direitos básicos, quando não podem revelar seus afetos por medo do extermínio que vem de todos os âmbitos. O lesbocídio em suas diversas formas (suicídio, epistemicídio e assassinato) não pode ser visto separado do genocídio da população negra. A morte social de lésbicas negras se

¹ Barbara Smith é uma ativista dos direitos das mulheres negras lésbicas dos Estados Unidos. Participou do grupo histórico *Combabebe River Collective*, um dos pioneiros a organizar mulheres negras em torno da sua sexualidade.

transcreve em seus afetos negados e sufocados em uma sociedade que não consegue ver pessoas negras amando, principalmente quando se trata de mulheres negras.

A hiperssexualização dos corpos negros também é um fator determinante para a negação desse afeto. Se realizarmos uma simples busca em qualquer mecanismo de pesquisa na internet, colocando as palavras “lésbicas negras”, os primeiros resultados (mais pesquisados) serão de sites pornográficos. Dificilmente encontraremos imagens de mulheres negras demonstrando afeto. O impacto dessa ausência é direto na construção da autoestima de mulheres negras. O mesmo vale para busca de qualquer referência que envolva os dois termos: negra e lésbica. Os resultados envolvem hiperssexualização, logo, desumanização do corpo negro lésbico.

Ainda citando bell hooks (2010), o amor negro cura e, provavelmente, é o único capaz de cicatrizar as feridas abertas pela discriminação (e o processo de escravidão) e a lesbofobia diária. Por isso, a necessidade de se desenvolver artes – seja literatura, cinema ou música – que retratem imagens reais de nossos corpos.

4. Literatura enquanto sistema fundamentado nas relações de poder

Antonio Candido (2000, p.23) aponta que a literatura pode ser considerada como “um sistema de obras ligadas por denominadores comuns”. Estes denominadores comuns, além de comporem o sistema, distinguem-se entre si com características internas (língua, temas, imagens), e elementos de natureza social e psíquica que se manifestam historicamente e fazem da literatura um aspecto orgânico da sociedade.

Entres as distinções, temos: 1) a existência de um conjunto de produtores literários mais ou menos conscientes de seu papel; 2) um conjunto de receptores, sem os quais a obra não vive, e que formam os diferentes tipos de público; 3) um mecanismo de transmissão. Portanto, falar de Literatura enquanto sistema é entender que a reunião destes três elementos pode dar lugar à comunicação e à interação humana.

Falaremos aqui de como as relações de poder refletem no âmbito literário, sobretudo para a mulher que é negra e lésbica, pois o estudo que se organiza neste contexto traz um debate sobre como as raízes das relações de poder refletem no processo de formação do cânone literário brasileiro.

Há duas práticas de tendências mais conservadoras no contexto das relações sociais que ganham destaque: a primeira corresponde ao confinamento de uma arte de qualidade reservada a um público mais seletivo, isto é, a hierarquização da arte; a segunda corresponde à ideologia das diferenças e, conseqüentemente, à reprodução hierárquica das classes sociais, sendo diretamente ligada à formação moral e social do ser humano. Essa divisão pressupõe, portanto, que toda e qualquer atitude do indivíduo pertence a uma única base sociológica e filosófica, ou seja, pertence à distribuição desigual dos poderes aos indivíduos, independentemente de sua classe social ou etnia.

As identidades nacionais não são herdadas como parte de nossa genética, não nascem conosco, conforme explica o sociólogo Stuart Hall (2005). Da mesma forma, não podem ser tidas como uma essência, como traços definitivos. As identidades nacionais são narrativas constituídas por outras tantas narrativas sobre uma nação. Munanga (2012) pontua que a identidade de um grupo funciona como ideologia, que permite a seus membros se diferenciarem e se constituírem como sujeitos outros. No entanto, o autor não acredita que na questão da identidade negra o grau de consciência seja idêntico a de todos os negros, pois todos vivem em contextos socioculturais

diferenciados. Então, para ele, a perspectiva mais viável seria situar e colocar a questão da negritude e da identidade dentro de um movimento histórico, apontando seus lugares de emergência e seus contextos de desenvolvimento.

Partindo da compreensão sobre a importância da literatura como meio de propagação das narrativas que formam a identidade de um grupo étnico, questionar as relações de poder existentes na sociedade, a fim de romper com a hegemonia das forças, é tentar perceber quais são os motivos reais pelos quais personalidades historicamente excluídas dos grandes debates e decisões da sociedade ainda são sujeitos subjugados social e culturalmente – ainda que os negros e negras sejam a maioria da população, como mostra o IBGE, e vejamos que esses sujeitos têm uma raça e um gênero. Isso fica bastante evidente quando voltamos nosso olhar para a política partidária, para as artes ou para a academia e lançamos o seguinte questionamento: Onde estão as mulheres negras lésbicas?

O discurso considerado como universal traz em seu cerne essa marca de restrição à mulher negra lésbica. O estigma social e moral determinado por um pensamento masculino a impede de ser sujeito e de ter seu trabalho legitimado, apreciado e de tornar-se uma voz independente, narradora de sua própria história, livre das amarras do racismo e da lesbofobia.

De acordo com a pesquisa intitulada “A Personagem do Romance Brasileiro Contemporâneo”, realizada pela Dalcastagne (2005), mais de 70% da produção literária brasileira é escrita por homens brancos. A credibilidade de um trabalho produzido por mulheres ainda é uma problemática, sendo uma das grandes pautas de organizações e grupos feministas, que vêm levantando discussões acerca do que foi perpetuado e legitimado por muito tempo na Literatura Brasileira: o discurso falocêntrico e fortemente embasado nas relações de poder.

A produção de escrita feminina conhece de perto esse fato quando se compara uma literatura de autoria feminina com a masculina. Em razão disso, existe a formação de uma lista de escritores consagrados, constituída essencialmente por homens brancos, isto é, o cânone brasileiro. Pedreira (2006, p. 01) diz:

as mulheres sempre foram vistas como objetos e, desqualificados, portanto, sua maior luta seria mostrar-se como sujeito tão capaz quanto aquele que a objetivava e a inferiorizava através de um discurso considerado universal e neutro, racional, filtrado pela ciência e instituído como verdade absoluta.

Em sua etimologia, do grego *kanón*, o termo cânone compreende uma regra, norma ou modelo representado por uma obra ou poeta. De forma semelhante, a Igreja católica, por exemplo, no século IV, utilizou este termo para designar uma lista de livros e santos reconhecidos como dignos de autoridade.

Dessa forma, é possível entender que o cânone literário, desde a sua origem, vem correspondendo a uma extensão do discurso dominante com relações de poder fundamentadas em práticas burguesas, sendo, também, protegido por um esquema tradicional embasado no racismo e sexismo.

Investigar quais os reais motivos que coibiram a mulher negra lésbica de produzir literatura demanda, também, examinar a participação histórica de lésbicas negras na sociedade, como sua presença foi registrada pela história e por que seu corpo foi e ainda é estereotipado.

Ao problematizarmos o processo de formação do cânone literário, é possível fazer reflexões sob a perspectiva dos denominadores comuns que compõem o sistema literário proposto por

Antonio Candido. Quais produtores literários brasileiros escrevem sobre literatura negra lésbica? Essa literatura é consumida e propagada? Existe algum mecanismo de transmissão para que essa literatura seja (re)conhecida? Neste sentido, é possível compreender que a produção, propagação e transmissão de obras literárias escritas e/ou protagonizadas por lésbicas negras são capazes de suscitar a curiosidade do público em questionar os pilares que sustentam a história da literatura tradicional brasileira.

5. Escrita enquanto ferramenta de luta e humanização

A literatura é concebida como a arte da palavra. Quando executada por mãos negras, essa arte está para além do estético e do belo, pois estamos falando de uma escrita carregada de vivências, afetos e dores. É uma escrita atravessada, também, por histórias que um dia foram apagadas, silenciadas.

Há um termo simultaneamente forte e poético para designar justamente essa escrita, que é gestada a partir das lembranças do cotidiano e da experiência de vida pessoal e de todo um povo, chamado de “Escrevivências”. Com base no termo criado pela escritora negra, doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense, Conceição Evaristo (2017), em entrevista cedida para o jornal *Carta Capital*, diz que “aquela imagem de escrava Anastácia, eu tenho dito muito que a gente sabe falar pelos orifícios da máscara e às vezes a gente fala com tanta potência que a máscara é estilhada, e eu acho que o estilhamento é o símbolo nosso, porque a nossa fala força a máscara”. Consequentemente, a obra que contempla este segmento, além de ser ampla, tem como forte referencial diferentes histórias e diretrizes do povo negro para alavancar significativas reflexões, configurando-se como afirmação política e ferramenta de luta.

Embora o nosso objeto de estudo aqui não seja, especificamente, uma Sociologia da Literatura, e sim procurar entender como a literatura ocupa-se intensamente das relações políticas e sociais ao longo da história, é inegável como um ponto de vista se aproxima do outro, como nos explica Medeiros (2015):

Podemos falar tanto de uma crítica literária quanto de uma sociologia da literatura e, de certo modo, é este segundo aspecto que mais nos interessa nesta seção, no sentido de uma sociologia da literatura que não propõe especificamente a questão do valor estético de uma obra mas interessa-se pela origem social dos seus autores, pela relação entre as obras e suas ideias, a influência da organização social, política e econômica (MEDEIROS, 2015, p. 01).

Na literatura canônica, foi criada uma imagem animalizada e sexualizada da mulher negra, formando um estereótipo que refletiu na literatura brasileira, como se essas mulheres fossem dotadas ou só tivessem um valor sexual e heteronormativo atrelado à imagem da escrava heterossexual disposta a satisfazer os desejos sexuais do homem branco. Desta maneira, podemos pensar na mulher negra marcada por ser mulher, negra e lésbica.

A escritora negra e poeta, Miriam Alves, integrante do “Quilombhoje Literatura”, desde 1997, tem publicado a respeito do amor e do desejo entre mulheres negras. Após a publicação do primeiro conto lésbico assinado com seu nome próprio, a autora passou a utilizar o heterônimo Zula Gibi, depois de ter sofrido ameaça de um leitor que queria agredi-la fisicamente.

Partindo de constructos homoafetivos entre mulheres negras, o objetivo é mostrar que a literatura negra lésbica, além de ser uma grande ferramenta de luta, pode trabalhar a humanização desses sujeitos, sob a perspectiva de gênero, lesbianidade e raça. Raça, gênero e sexualidade não devem ser tratados como variáveis independentes, pois a opressão de cada uma está inscrita no interior da outra, de forma interseccional.

Repensando a construção da mulher negra e heterossexual, perceptível na maioria das produções literárias afro-brasileiras, procuramos analisar, através da narrativa de Cidinha da Silva, escritora negra lésbica, graduada em História pela Universidade Federal de Minas Gerais, em “Canções de Amor e Dengo”, o lugar de fala da lesbianidade e como a escrita é uma importante ferramenta de humanização.

“Canções de Amor e Dengo” é uma obra que versifica o afeto do ponto de vista da mulher negra lésbica imersa no cotidiano. Os poemas nos apresentam, com um texto afiado e sagaz, versos fluidos, melódicos e singelos. Acenando para a lírica amorosa, sem cair na melosidade excessiva ou no idealismo romântico do sublime.

A temática dominante é a do amor trazido para os aspectos mais corriqueiros em nome de uma poesia de voos e levezas, mas sem abrir mão da materialidade do corpo. Corpo que, ao mesmo tempo que é lírico, é político. Corpo que ama, sofre e goza. Corpo que celebra e manifesta as múltiplas matrizes da cultura afro-brasileira.

Nos poemas de Cidinha da Silva, o lugar de interseção dessa subjetividade negra e feminina jamais a limita, pelo contrário, abre-se em uma miríade de possibilidades poéticas, entre a vida cotidiana e a complexidade da existência de um corpo negro político, que experimenta as agruras não só do amor, mas também da vida. Como se humanizar e humanizar a outra quando temos nossa humanidade (re)negada pelo racismo, sexismo e pela lesbofobia?

6. Tessituras de considerações nada finais

(Re)Pensar a existência de corpos negros marcados por um demarcador de gênero e sexualidade, nos direciona para um giro antirracista, antilesbofóbico e antissexista; propõe o sair de construções da universalidade do ser e nos instiga à reformulação da racionalidade humana, pois aquelas que eram enquadradas como “o outro do outro” não se permitem estar em um entre-lugar e, por isso, necessitam negritar suas existências em dinâmicas transgressoras, dentro das fissuras que o orifício da máscara apresenta

Nesse lugar de fala, se apontam caminhos para anunciar a chegada de mulheres negras lésbicas, da dor das vivências negadas, silenciadas, de amores que muitas não puderam deixar fluir. A mulher negra lésbica tem essa marca e, se tratando do envelhecer, muitas acabam voltando aos armários, que cabe muito mais a intitulação de “porões”, os porões de dentro.

Assim, a literatura negra lésbica é um dos instrumentos de emancipação desses afetos/vivências, ao identificar a possibilidade de mulheres negras lésbicas serem vistas como vidas em movimento que, por vezes, se permitem constelar, amar, ser amada e romper com a marca ancestral da solidão que é carregada na intergeracionalidade; e estes demarcadores se constroem como representações para aquelas que estão a chegar.

A representatividade negra lésbica é urgente, por isso a escrita de mulheres negras lésbicas é tão necessária para o desenvolvimento de uma identificação e pertencimento, relevante para a quebra do não-lugar e a construção de uma nova narrativa de humanização desses corpos-sujeitos.

REFERÊNCIAS

- CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos*. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia Ltda, 2000.
- CARNEIRO, Sueli. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. Tese (Doutorado em Educação: Filosofia da Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, p. 340, 2005.
- CRENSHAW, Kimberlé. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. *VV. AA. Cruzamento: raça e gênero. Brasília: Unifem*, p. 7-16, 2004.
- _____. emarginalizing the intersection of race and sex: A Black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory, and antiracist politics [1989]. In: *Feminist legal theory*. Routledge, 2018. p. 57-80.
- COLLINS, Patricia Hill. Black feminist thought in the matrix of domination. *Black feminist thought: Knowledge, consciousness, and the politics of empowerment*, p. 221-238, 1990.
- DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, n. 26, p. 13-71, 2005.
- DAVIS, Angela Y. *Blues Legacies and Black Feminism: Gertrude Ma Rainey, Bessie Smith, and Billie Holiday*. Vintage, 2011.
- _____. *Mulheres, raça e classe*. Boitempo Editorial, 2016.
- EVARISTO, Conceição. *Conceição Evaristo: “Nossa fala estilbaça a máscara do silêncio”* [13/05/2017]. Entrevista concedida a Djamila Ribeiro. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/conceicao-evaristo-201cnossa-fala-estilhaca-amascara-do-silencio201d>>. Acesso em: 27 de abril de 2019.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- hooks, bell. *Vivendo de amor*. In: Geledes, 2010, s/p. Disponível em: <<http://arquivo.geledes.org.br/areas-de-atuacao/questoes-de-genero/180-artigos-degenero/4799-vivendo-de-amor>>. Acesso: 27 de março de 2019.
- LORDE, A. G. Não há hierarquias de opressão. In: LORDE, A. G. *Textos Escolhidos de Audre Lorde*. Heretica Difusao Lesbofeminista Independente, 2012. p. 5-6. Disponível em: <https://www.mpba.mp.br/sites/default/files/biblioteca/direitos-humanos/direitos-da-populacao-lgbt/obras-digitalizadas/audre_lorde_-_textos_escolhidos_portu.pdf>. Acesso em: 20 de março de 2019.
- _____. *Zami: A new spelling of my name: A biomythography*. Crossing Press, 2011.
- MEDEIROS, Alexsandro M. *Literatura e Política* [2015]. Disponível em: <<https://www.sabedorriapolitica.com.br/literatura-e-politica/>>. Acesso em: 09 de abril de 2019.
- MUNANGA, Kabengele. *Negritude: uso dos sentidos*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.
- PEDREIRA, J. S. O Retorno do Sujeito: Entre a Crítica Literária, Cultural, Feminista. Santa Catarina: *Seminário Internacional Fazendo Gênero 7*. 2006. Disponível em <http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/J/Jailma_Pedreira_06.pdf>. Acesso em 21 de abril de 2019



RIBEIRO, Djamila. Feminismo negro para um novo marco civilizatório. *Revista Internacional De Direitos Humanos*, v. 13, n. 24, p. 99-104, 2016.

SILVA, da Cidinha. *Canções de amor e dengo*. 1. ed. São Paulo: Me Parió Revolução, 2016.

SMITH, Barbara. *The Truth That Never Hurts Writings on Race, Gender, and Freedom*. 1998.

WASELFISZ, Julio Jacobo. *Mapa da violência 2015: homicídio de mulheres no Brasil*. Flacso Brasil, 2015.